

O Partido Comunista e o cinema no Brasil*

Antonio Albino Canelas Rubim **

A legalidade do PC em 1945 permitiu ao partido desenvolver de forma ampla, atividades no campo cultural, sendo uma delas a produção cinematográfica. A 7 de junho de 1945, poucos meses depois da legalidade, o diário comunista *Tribuna Popular* noticia a exibição no cinema Capitólio do curta-metragem de Rui Santos sobre o comício de Prestes em São Januário, e conclui "...com o que, este jornal inicia o seu serviço informativo através do cinema"¹. A continuidade do serviço de documentação, principalmente das atividades do partido, leva o jornal a anunciar, em 16 de novembro, outra exibição: "Amanhã, às 15 horas na ABI — 'Marcha para a democracia' — apresentação do grande filme fixando aspectos da viagem de Luiz Carlos Prestes ao interior de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais"².

A experiência adquirida e o material produzido parecem ser a base e servir de estímulo à criação de uma empresa de produção cinematográfica, a Liberdade Filmes, montada por Rui Santos e Oscar Niemeyer, sócios na iniciativa e na produtora. A Liberdade Filmes realizou, no mínimo, dois filmes: o documentário "O Comício de Prestes no Pacaembu", filme ainda existente, e "24 Anos de Luta",

* Com pouca modificação, este texto é parte do capítulo 2 da Tese de Doutorado *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*, apresentada em 1986/87 à Universidade de São Paulo.

** Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

uma reconstituição da história do PC e de sua organização no pós-guerra³, ambos utilizando de forma ampla o material anteriormente filmado por Rui Santos para *Tribuna Popular*.

Zélia Gattai, num de seus livros de memórias, descreve algumas cenas do documentário sobre o comício de Prestes, visto por ela em Paris, quando da apresentação do filme em um festival: "O primeiro letreiro apareceu no *écran*: 'COMÍCIO NO PACAEMBU — SÃO PAULO, Direção: Rui Santos' (...) aparecia agora o grande estádio a encher-se, o povo lotando as arquibancadas aos poucos. De repente, em meio ao campo, me vi ajudando a Di Cavalcanti e a Clóvis Graciano na decoração do gramado. Em seguida chegava Prestes comboiado por vários companheiros, entre eles Jorge e Pablo Neruda. O povo, em delírio, aplaudia-os de pé (...) Ele vinha agradecer ao povo paulista a campanha na qual se empenhara pela anistia dos presos políticos. Ouvia, rouca, a voz de Monteiro Lobato que, não podendo comparecer por encontrar-se doente, enviara sua mensagem numa gravação. Depois, Neruda declamou um poema de saudação a Prestes"⁴.

O material já filmado e uma campanha financeira popular promovida por Oscar Niemeyer, no Rio, e Jorge Amado, em São Paulo, possibilitam a produção do longa "24 Anos de Luta"⁵. Sugestão de Astrogildo Pereira, autor do roteiro e do texto do filme, além de assistente de montagem, o documentário foi dirigido e fotografado por Rui Santos. Com uma duração de 1h20m, o filme é narrado por Amarílio Vasconcelos, tem música de Gustav Mahler e depoimentos de Astrogildo, Prestes, Jorge Amado e outros. O som e algumas filmagens foram realizados nos estúdios da Cinédia, no Rio. A fundação do Partido foi reconstituída no Rio Grande do Sul e o embarque para a Conferência da Mantiqueira foi reproduzido na Estação de Barão de Mauá na Estrada de Ferro Leopoldina, no Rio de Janeiro. "24 Anos de Luta" começa com Jorge Amado falando sobre a importância do Partido, aparecendo em seguida as passagens históricas reconstituídas. Depois, surgem imagens das campanhas pela anistia e pela Constituinte; da saída de Prestes da prisão e dos grandes comícios realizados pelo PC em 1945 e 1946, ano de produção do filme. São mostradas cenas do comício do dia 23 de maio de 1945, no estádio de São Januário, no Rio; do realizado no dia 15 de julho no Pacaembu; dos comícios de Recife, Salvador e Maceió, e o de 23 de maio de 1946, organizado no Largo da Carioca, no Rio, quando a polícia assassinou Zélia Magalhães e feriu inúmeras pessoas. O longa-metragem termina com as imagens de bandeiras comunistas agitadas durante um ato público.

Exibido primeiro no Rio, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, e depois em São Paulo, no Cine São João, o filme teve "grande sucesso de público". Remetido para a Censura Federal no início de 1947, visando obter atestado para exibição pelo País, a cópia do documentário foi retida pelo órgão e enviada ao DOPS, o que ocasiona um requerimento, datado do final de março de 1947, ao Serviço de Censura e Diversões Públicas, assinado pelos deputados Jor-

ge Amado e Gervásio Azevedo, solicitando explicações acerca da demora e do envio do filme ao DOPS. Na justificação oral do requerimento, Jorge Amado disse: "Como se vê, está sendo usada a censura cinematográfica como arma política, como forma de impedir que um partido político desenvolva sua propaganda"⁶. Com o retrocesso da democracia, configurado pela cassação de registro do PC em 1947, dos mandatos dos parlamentares comunistas no ano seguinte e inúmeras outras medidas autoritárias, a cópia da película ficou apreendida definitivamente pela Censura Federal. Outra cópia se extraviou na Tchecoslováquia e os negativos do filme que tinham ficado na Cinédia foram queimados por Ademar Gonzaga após o golpe militar de 1964⁷. A ilegalidade, a repressão cultural, a censura e os prejuízos dela decorrentes, a falta de recursos financeiros etc. impedem a continuidade da Liberdade Filmes e da produção cinematográfica, aliás atividade realizada por alguns partidos comunistas, como o francês, por exemplo⁸.

A impossibilidade do PC de produzir filmes não elimina totalmente sua influência e interferência no campo da produção cinematográfica. Antes da Liberdade, alguns comunistas produziram fitas. Rui Santos e Jorge Amado realizaram, em 1939, o documentário "Itapoan" em Salvador, e o mesmo Rui Santos, como fotógrafo, e Carlos Scliar, como diretor, filmaram "Escadas", em 1944⁹. De 1948 a 1950, com argumento de Jorge Amado, roteiro de Rui Santos e Jonald, direção de Jonald, fotografia de Rui Santos, música de Radamés Gnattali e canções de Dorival Caymmi, é produzido "Estrela da Manhã"¹⁰. Neste mesmo ano, Nelson Pereira dos Santos, então militante do PC, estréia no cinema com dois documentários: "Juventude" e "Atividades Políticas em São Paulo"¹¹. Em 1951, Salomão Scliar realiza dois documentários: "Esperança das Multidões", sobre o III Congresso Gaúcho da Paz, e "Congresso", feito para a Associação Brasileira de Escritores, entidade controlada pelo PC, sobre o IV Congresso Brasileiro de Escritores realizado em Porto Alegre¹².

Inúmeros filmes de longa-metragem têm participação de artistas comunistas em suas equipes, mas dois se destacam: "O Saci" e "Rosa dos Ventos". O primeiro deles é realizado entre 1951-52 e lançado em 1953. Produzido pela Brasiliense Filmes, do comunista Artur Neves, também autor do argumento, o filme tem uma equipe quase integralmente constituída por militantes ou simpatizantes do PC. De-la participam: Rodolfo Nanni (diretor), Rui Santos (fotógrafo), Cláudio Santoro (música), Nelson Pereira dos Santos (assistente de direção), Alex Viany (diretor de produção), Otávio Araújo (assistente de cenografia e participante do elenco), entre outros¹³. Já "Rosa dos Ventos" é uma produção da República Democrática Alemã, tendo a parte brasileira do filme se baseado em texto de Jorge Amado. Neste filme Alex Viany vê influências do realismo socialista¹⁴. Além disso, comunistas ou ex-comunistas são diretores de três dos mais importantes filmes realizados no eixo Rio-São Paulo como precursores do Cinema Novo: Alex Viany ("Agulha no Palheiro"), Nelson

Pereira dos Santos ("Rio 40 Graus") e Roberto Santos ("O Grande Momento").

A atuação do PC e dos comunistas não se restringe à produção cinematográfica; ela se faz sentir na organização do cinema, enquanto o campo econômico e cultural, na articulação dos cineastas, na distribuição/exibição e na crítica cinematográfica. A articulação dos cineastas se realiza pela participação de brasileiros em entidades internacionais da área do cinema e próximas ao movimento comunista ou pela organização e influência em entidades já existentes. Diversos são os exemplos desta atividade que é uma espécie de ação continuada e tradicional do PC no campo cultural. Em 1948, Carlos Scliar e Rui Santos participam do encontro da União Mundial de Documentaristas, onde o filme "Comício de Prestes no Pacaembu" é exibido com sucesso e de onde Rui Santos sai como membro efetivo da diretoria ¹⁵.

A nível nacional, o PC, segundo Alex Vianny, influencia a Associação Brasileira de Produtores Cinematográficos, entidade existente no final dos anos quarenta e dirigida por Moacir Fenelon, que através de jovens cineastas paulistas, "quase todos do partido", cria por volta de 1951 a Associação Paulista de Cinema-APC, de vida efêmera, mas significativa, tanto no estímulo e organização dos congressos de cinema que marcam os anos iniciais da década de cinquenta, quanto na formulação de reivindicações acerca do cinema nacional que posteriormente são, em grande parte, aceitas e aprovadas nestes congressos ¹⁶. Quando, em 1951, o cineasta Alberto Cavalcanti apresenta projeto de criação do Instituto Nacional de Cinema —INC ao parlamento, a APC promove uma mesa-redonda, na qual o projeto é criticado e se propõe que a criação do INC tenha por base o projeto apresentado por Jorge Amado, quando era deputado pelo PC. As resoluções aprovadas na mesa-redonda, por outro lado, indicam uma série de medidas a serem colocadas em prática pelo governo, sem que isto signifique um controle governamental sobre o cinema nacional, aliás foco central das críticas ao projeto Cavalcanti ¹⁷. Estas medidas propostas, numa análise comparativa, estão em sua essência e de forma considerável presentes nas decisões dos encontros que se realizam nos anos seguintes.

O primeiro destes encontros é um congresso dos Clubes de Cinema existentes no País. Em 1952, de 14 a 17 de abril, a APC articula o I Congresso Paulista do Cinema Brasileiro. O Congresso se inicia no dia 14, no circo Seyssel, com uma "Noite do Cinema Brasileiro", quando são homenageados os melhores do ano de 1951 ¹⁸. Do dia 15 a 17 são debatidas questões referentes à legislação, produção, comercialização, profissionalização e questões culturais, "quase sempre entendidas como o problema do argumento" ¹⁹.

Inúmeras teses são apresentadas ao encontro. Nelson Pereira dos Santos propõe a opção por temas nacionais na comunicação "O problema do conteúdo no cinema brasileiro". Carlos Ortiz, um dos organizadores do Congresso, busca na sua tese uma "definição do

filme nacional". Diversos outros trabalhos são submetidos à discussão, sendo que os trabalhos apresentados por militantes do PC anteriormente já tinham sido debatidos em reuniões acontecidas antes do Congresso, podendo portanto serem pensados como expressando certa visão partidária, mesmo porque o PC não tinha uma política definida para a área de cinema, de acordo com Alex Viany²⁰.

Apesar da pretendida abertura do Congresso, alguns críticos cinematográficos da época, como B. J. Duarte, *a priori*, sugerem a identificação do encontro como de influência comunista, devido à presença entre os organizadores de pessoas "...adstritas ao infra-vermelho do sectarismo ideológico"²¹. Num segundo texto, este mesmo crítico, depois de fazer restrições à carta de princípios aprovada, escreve, concordando com Matos Pacheco, de *Última Hora*: "Graças a Civelli a coisa ainda terminou com as aparências quase salvas, pois conforme ainda a reportagem de Matos Pacheco, malograram 'todas as tentativas de avermelhar o Congresso' "²². Considerando estas críticas, pode-se constatar que nem o Congresso era tão amplo para incorporar todos os interesses de pessoas vinculadas ao cinema no Brasil, nem, por outro lado, comunistas e sectário a ponto de não absorver e realizar acordos negociados.

Poucos dias depois, de 22 a 28 de abril, realiza-se, no Rio, o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, onde tem atuação destacada Moacir Fenelon, e o tema predominante nas discussões é o projeto Cavalcanti. Inúmeras teses são apresentadas, "a maioria das quais se situa na faixa ideológica da revista *Fundamentos*"²³. Em verdade, esta publicação paulista e ligada ao PC funciona como um canal de expressão do grupo de jovens cineastas de São Paulo. Daí não ser surpresa que as resoluções aprovadas estejam permeadas por proposições já delineadas na mesa-redonda realizada pela APC, em 1951. Nem que o Congresso tenha assumido "...o solene compromisso de tudo fazer por um cinema brasileiro que reflita de fato a cultura e a aspiração de nosso povo em seus desejos de paz, progresso e liberdade"²⁴.

Nas suas 29 resoluções, o Congresso propõe uma definição do que deve ser considerado filme nacional, sugere a utilização de temas brasileiros, elege representantes para levar suas sugestões ao parlamento acerca da fundação do INC, cria uma Comissão Permanente de Defesa do Cinema Brasileiro e nomeia provisoriamente seus membros, entre os quais estão inúmeros comunistas²⁵. Reivindica ainda diversas medidas que beneficiam o cinema nacional: facilidade de financiamentos, isenção de impostos para a importação de materiais cinematográficos a serem utilizados por produtores brasileiros, incentivo à fabricação destes materiais no Brasil, criação de uma escola nacional²⁶.

O II Congresso Nacional do Cinema Brasileiro é realizado em São Paulo, de 12 a 20 de dezembro, numa promoção da Associação Paulista de Cinema e Comissão de Cinema de São Paulo. O Congresso foi convocado pela APC e pelo Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica, sediado no Rio, através de Manifesto que de-

nuncia a “gravíssima crise” porque passa a indústria cinematográfica brasileira. Com intensa atividade cultural e 12 sessões de debate, o II Congresso fundamentalmente incorporou as reivindicações do primeiro encontro e alterou algumas delas, além de exigir uma revisão da lei de proporcionalidade — para cada oito fitas estrangeiras exibidas era obrigatória a exibição de uma brasileira —, beneficiando o cinema nacional²⁷. Através destes congressos e de entidades, particularmente da APC, os comunistas interferiram na organização e na elaboração de uma corrente de pensamento voltada para a defesa do cinema brasileiro.

A ação do PC no campo cinematográfico também se realizou através de um Congresso não específico da área de cinema. Trata-se do I Congresso Nacional de Intelectuais, realizado em 1954 na cidade de Goiânia, cujas organização e resoluções sofrem a influência do PC. Já no manifesto de convocação, assinado por centenas de intelectuais, destacam-se, entre os ligados ao campo do cinema, nomes como Alex Viany, Geraldo Santos Pereira, Rui Santos, Walter da Silveira etc., todos eles ligados ao Partido²⁸. Além deles, participa da comissão diretora do encontro o cineasta Alberto Cavalcanti, que nesta época havia se aproximado do PC, via movimento da paz.

Entre as sete recomendações aos intelectuais aprovadas no Congresso estão: a luta pela proteção aos filmes nacionais, “que tenham como tema central a exata expressão de nossos sentimentos e tradições populares”; o interesse pela “criação de um estilo cinematográfico de conteúdo e forma nacionais, visando a utilização do filme brasileiro como veículo de defesa e desenvolvimento da cultura de nosso povo”, e a defesa de medidas e leis que permitam “o livre desenvolvimento econômico e artístico do cinema brasileiro”. Certamente em menor grau, a influência comunista se fez sentir também na I Convenção de Crítica Cinematográfica, realizada em 1960.

A distribuição e a exibição cinematográfica foram igualmente áreas onde o Partido, direta ou indiretamente, teve alguma presença. Na exibição esta atuação se concentrou nas atividades cineclubistas. O Clube de Cinema da Bahia, por exemplo, que desempenhou importante papel na formação inclusive de cineastas como Glauber Rocha, Orlando Sena, Paulo Gil Soares, Guido Araújo, Roberto Pires, Rex Schidler, durante boa parte de sua existência girou em torno de Walter da Silveira.

Com relação à distribuição de filmes, o PC articulou a Tabajara Filmes, uma distribuidora de películas soviéticas, no final dos anos cinqüenta. Tal empreendimento, organizado como empresa do Partido, teve efêmera existência, devido às dificuldades de comércio com a URSS naqueles anos²⁹. Ainda em último aspecto relativo ao cinema, o PC exerceu influência: na crítica e nos estudos sobre a atividade cinematográfica no Brasil. Inúmeros foram os periódicos do Partido que tinham colunas especializadas em cinema. O jornal comunista baiano *O Momento*, primeira publicação de massas do PC a aparecer em 1945, já no seu número inaugural traz uma

seção de cinema onde discute exatamente a necessidade da crítica cinematográfica³⁰. Revistas culturais como *Horizonte*, *Para Todos* nas suas duas fases — início dos anos cinquenta e 1956-58 —, e particularmente *Fundamentos*, acompanham através de críticas, artigos, entrevistas etc., o trabalho cinematográfico no Brasil e no mundo. Esta última publicação chega mesmo a ser porta-voz do grupo paulista que pensa o cinema brasileiro³¹. Daí não ser surpreendente que críticos como Walter da Silveira e José Gorender e estudiosos como Alex Viary e Geraldo Santos Pereira pertencessem ao PC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *Tribuna Popular*. Rio de Janeiro, (15): 1, 7 de julho de 1945. Quase no final do mês o jornal dos comunistas baianos, *O Momento*, confirma a notícia nos seguintes termos: "Este magnífico cinegrafista que é Rui Santos, um dos mais entusiastas animadores do nosso cinema, iniciou com um *short* sobre o comício de Luiz Carlos Prestes a série de cine-jornais e documentários que vai realizar sob o patrocínio da *Tribuna Popular*, com o objetivo de manter um amplo serviço informativo através do cinema". *O Momento*. Salvador, (12): 4, 25 de junho de 1945.
2. Conforme o anúncio os convites podem ser encontrados no jornal ou no Comitê Metropolitano do FC. *Tribuna Popular*. Rio de Janeiro, (151): 8, 16 de novembro de 1945. Uma foto de Rui Santos filmando atividades do PC é publicada em *PCB. 1922-1982. Memória Fotográfica*. São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 84.
3. Segundo Armênio Guedes existe uma cópia do filme sobre o comício no Cine Cité, empresa ligada ao Partido Comunista Francês, e outra em São Paulo, em mãos de particulares. GUEDES, Armênio. Depoimento ao autor. São Paulo, 16 de maio de 1986.
4. GATTAL, Zélia. *Senhora dona do baile*. Rio de Janeiro, Record, 1984, pp. 67-68.
5. Estas e as outras informações estão em FERREIRA, Paulo Roberto. "PCB. Da fundação em 22 ao retorno à legalidade: um filme conta tudo". *Jornal do País*. Rio de Janeiro, (51): 1, 28 de março a 3 de abril de 1985 (Caderno Especial).
6. ANAIS da Câmara dos Deputados, 1947, v. 1. pp. 383 e 385-386. No seu pronunciamento, Jorge Amado também disse: "Uma empresa cinematográfica nacional devidamente registrada — a Liberdade Filmes — produziu, no ano passado, a película intitulada '24 Anos de Luta', relato da vida gloriosa do Partido Comunista, suas lutas, seus heroísmos, película que, além de tudo, tem valor educativo notável, porque mostra e comprova a capacidade do povo brasileiro de bater-se pela liberdade, pelo progresso e pela democracia em nossa terra".
7. Sobre a cópia apreendida, escreveu o seguinte Paulo Roberto Ferreira: "Segundo consta, esta última teria sido requisitada várias vezes pelos órgãos de repressão da ditadura militar para verificação dos comunistas que apareciam no filme e ainda estavam vivos". FERREIRA, Paulo Roberto, ob. cit., p. 1.

8. Sílvio Tendler fala mesmo em "grandes filmes" produzidos pelo PCF. "Drummond quer Tancredo sem Ministério da Cultura". *Jornal da Bahia*. Salvador, 5, 6 de março de 1985 (revista). O interesse dos comunistas pela produção cinematográfica é marcante já nos primeiros anos do governo revolucionário da Rússia, quando são criadas as condições materiais para a indústria cinematográfica soviética. Ver SADOUL, George. "A explosão soviética". In —. *História do cinema mundial*. São Paulo, Martins, 1963, pp. 168-181.
9. GATTAI, Zélia. *Um chapéu para viagem*. Rio de Janeiro, Record. 1982, pp. 64 e 221.
10. GATTAI, Zélia. Ob. cit., p. 221, e VIANY, Alex. *Introdução ao cinema brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1959, pp. 210-211.
11. MONTEIRO, José Carlos. "Nelson Pereira dos Santos: realismo sem pronteiras". *Filme. Cultura*. Rio de Janeiro, (16): 13, setembro/outubro de 1970, e principalmente SALEM, Helena. *Nelson Pereira dos Santos: o sonho possível do cinema brasileiro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987, pp. 61-64.
12. SCLIAR, Carlos. "Notas sobre o cinema documentário". *Horizonte*. Porto Alegre, (11-12): 334-335, novembro/dezembro de 1951.
13. VIANY, Alex. Ob. cit., p. 245, e *Para Todos*. Rio de Janeiro, (17): 8, julho de 1952.
14. VIANY, Alex. Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1986.
15. *Fundamentos*. São Paulo, (3): 260, agosto de 1948, e AMARAL, Aracy. *Arte para quê?* São Paulo, Nobel, 1984.
16. VIANY, Alex. Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1986.
17. "Resoluções e debates: cinema nacional". *Para Todos*. Rio de Janeiro, (13/14): 22-23, outubro/novembro de 1951.
18. DUARTE, B. J. "Um pseudo congresso de cinema e coisas parecidas". *Anhembi*. São Paulo, (18): 588, maio de 1952. Neste texto estão anotados toda a programação e homenageados da festa.
19. BERNARDET, Jean Claude. "Os irmãos inimigos. A década de 50". In GALVÃO, Maria Rita e BERNARDET, Jean Claude. *O nacional e o popular na cultura brasileira. Cinema*. São Paulo, Embrafilme/Brasiliense, 1983, p. 76.
20. Segundo Viany, boa parte das teses eram apresentadas e anteriormente debatidas pelo pessoal de cinema, militante do partido. VIANY, Alex. Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1986. Além dos trabalhos de Nelson e Carlos Ortiz, são apresentados, ao Congresso, por exemplo: "Dos argumentos do cinema", de Leo Godoy Otelo; "Filme, forma e conteúdo", de Ortiz Monteiro, e "Argumento — sua importância dentro do filme. A ausência de bons argumentos no cinema nacional", de Plácido Soave.
21. DUARTE, B. J. Ob. cit., p. 589.
22. Continua o crítico: "As manobras da 'linha justa' foram destroçadas pelo rolo compressor Mário Civelli, a figura mais importante do Congresso...". DUARTE, B. J. "Ainda o Congresso de cinema". *Anhembi*. São Paulo, (19): 182, junho de 1952. A "Declaração de Princípios" está publicada em *Para Todos*. Rio de Janeiro, (17): 22, junho de 1952.
23. BERNARDET, Jean Claude. Ob. cit., p. 76. Alex Viany, por exemplo, expõe um trabalho intitulado "Problemas do cinema brasileiro: da produção à exibição".

24. Documento final do Congresso transcrito por PEREIRA, Geraldo Santos. *O plano geral do cinema brasileiro*. Rio de Janeiro, Borsoi, 1973, p. 234.
25. Por exemplo: Nelson Pereira dos Santos, Alex Viany, Rui Santos, o baiano Walter da Silveira, Salomão Scliar, Carlos Ortiz etc.
26. As resoluções estão integralmente transcritas em PEREIRA, Geraldo Santos. Ob. cit., pp. 235-239. A revista comunista *Horizonte* traz notícia sobre o Congresso. Ver *Horizonte*. Porto Alegre, (9): 257-258, outubro/novembro de 1952.
27. Ver PEREIRA, Geraldo Santos. Ob. cit., pp. 241-242. VIANY, Alex. Ob. cit., pp. 151-153, e *Horizonte*. Porto Alegre, (3): novembro/dezembro de 1953.
28. "Primiro Congresso Nacional de Intelectuais". *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1954 (suplemento).
29. GUEDES, Armenio. Depoimento ao autor. São Paulo, 16 de maio de 1986, e VIANY, Alex. Depoimento ao autor. Rio de Janeiro, 4 de julho de 1986.
30. "Cinema. Panorama". *O Momento*. Salvador, (1): 9 de abril de 1945.
31. Ver BERNARDET, Jean Claude. Ob. cit., p. 76. Consultar também RAMOS, José Mário Ortiz. *Cinema, Estado e lutas culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, especialmente o capítulo primeiro.